

Para Quércia, disputa lembra regime militar

Em quarto lugar, candidato do PMDB diz que real tornou eleição antidemocrática

LUIS GUILHERME FABRINI

Especial para o Estado

CAMPINAS — O candidato do PMDB à Presidência, Orestes Quércia, comparou ontem a provável vitória de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) já no primeiro turno ao processo sucessório do regime militar. “O quadro de pressão do governo e de apoio da mídia e das elites é o mesmo”, criticou, pouco antes de votar. Provável quarto colocado na disputa, atrás de Enéas Carneiro do Prona, Quércia apontou o uso do Plano Real em favor de Cardoso como ingrediente que teria tornado a eleição antidemocrática e ilegítima.

Com a admissão quase explícita da derrota, o candidato acusou as pesquisas que apontam a vitória do tucano de estarem “viciadas pela presença deslavada do governo federal na eleição”. Disse que Cardoso teria menos votos do que Enéas se não

fosse o real. “Ele não se elegeria nem para deputado federal.”

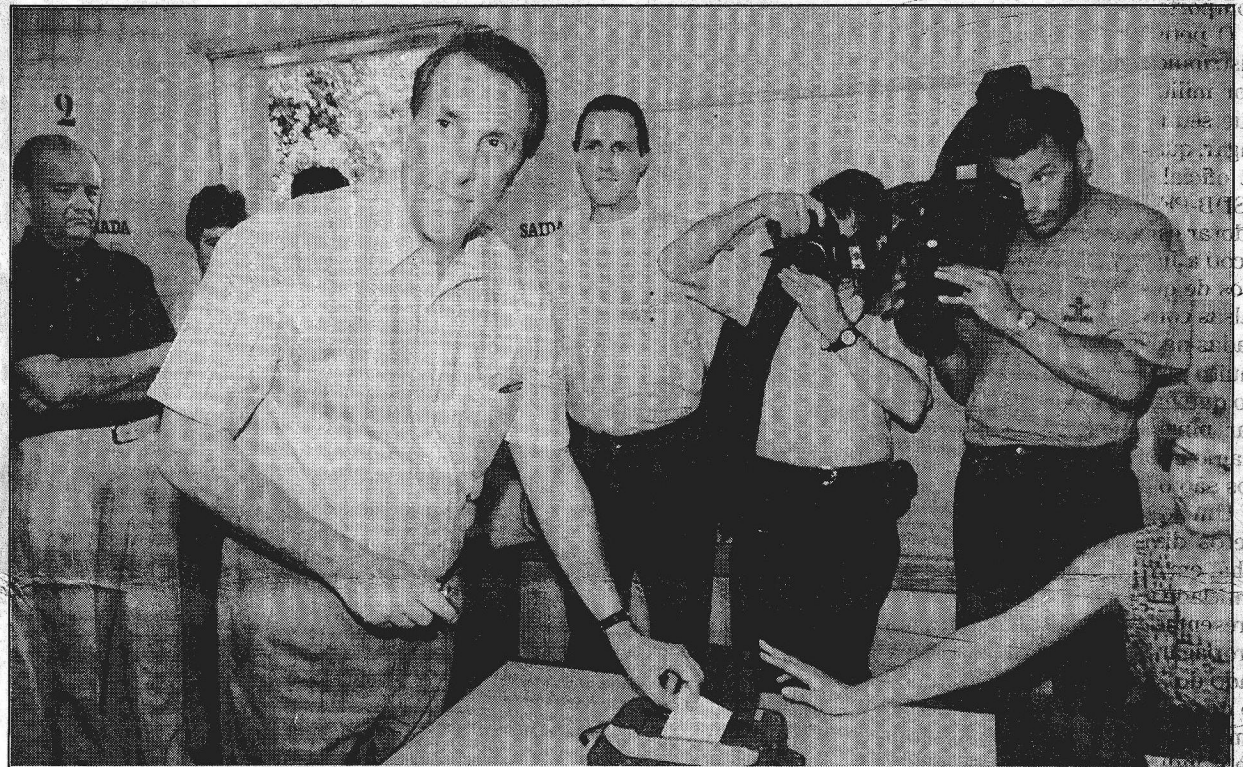
Embora reconhecesse a rejeição de sua candidatura por setores do próprio PMDB, Quércia considerou-a fato secundário. Mas adiantou que, confirmada a derrota, vai começar a pensar no fortalecimento do partido. “O PMDB precisa ser reformulado para reencontrar seu caminho histórico”, declarou. Citando como exemplo o ex-presidente José Sarney (AP), afirmou que os “oportunistas” terão de deixar o partido.

Quércia disse não acreditar que o candidato Barros Munhoz tenha apontado sua candidatura à Presidência como um dos principais obstáculos na campanha para o governo de São Paulo. “Isso é intriga de algum jornal”, reagiu. “Posso até imaginar que tenha sido do **Estado**.”

O ex-governador votou às 12h15 na Escola Estadual de 1º Grau Professor Domingos de Araújo, no bairro Betel, recém-incorporado ao município de

Paulínia, mas que ainda faz parte da 275ª Zona Eleitoral de Campinas. A escola tinha apenas uma sala para votação e 57 eleitores inscritos. Quércia foi o 58º.

PROBLEMAS
NO PARTIDO
SÃO
“SECUNDÁRIOS”



Quércia vota em Campinas: “Sem o real, o candidato do governo não se elegeria nem para deputado”